

ARTES PLÁSTICAS

O desabrochar estético da Capital Federal

Brasília teve suas galerias lotadas durante todo o ano, mostrando mais de 200 exposições nacionais e internacionais

JOSELIA COSTANDRADE
Colaboradora

Durante o ano que finda, numerosas exposições de arte e de artesanato foram realizadas em Brasília, apresentando ao público uma visão das linguagens plásticas mais variadas e das concepções estéticas desenvolvidas tanto no Brasil, como no exterior. As mostras foram montadas em várias galerias de arte da cidade, destacando-se entre tanto o trabalho da Fundação Cultural, que, em suas seis galerias ("A", "B" e "C", na 508 Sul e três, no Anexo do Teatro Nacional), estabeleceu importante amostragem da criação artística.

Na presente retrospectiva, abordaremos as exposições de maior destaque e às quais comparecemos, tendo inclusive comentários que foram publicados nas páginas do CORREIO BRAZILIENSE. A Fundação Cultural promoveu 125 exposições, cooperando ainda com 87 mostras de arte, das quais participaram 35 artistas de outros Estados e do exterior. Entre as exposições, 13 constaram de painéis e documentos; duas, de arte sacra e uma, comemorativa da Semana do Folclore.

O primeiro grande evento no campo das artes plásticas foi sem dúvida a exposição "O Expressionismo e a Arte Brasileira", efetuada na Galeria "A" da Fundação Cultural, representando um conceito de informação didática, a partir da qual os visitantes puderam perceber toda a influência de um estilo, mesmo com um lapso de cinco séculos entre um acontecimento e outro. Ao lado de produções das obras que formam as bases da "Escola Expressionista" na Alemanha (no período do "Goticoardio", depois do "Gótico Flamboyant") e xilogravuras), acompanhadas de textos explicativos sobre os expositores.

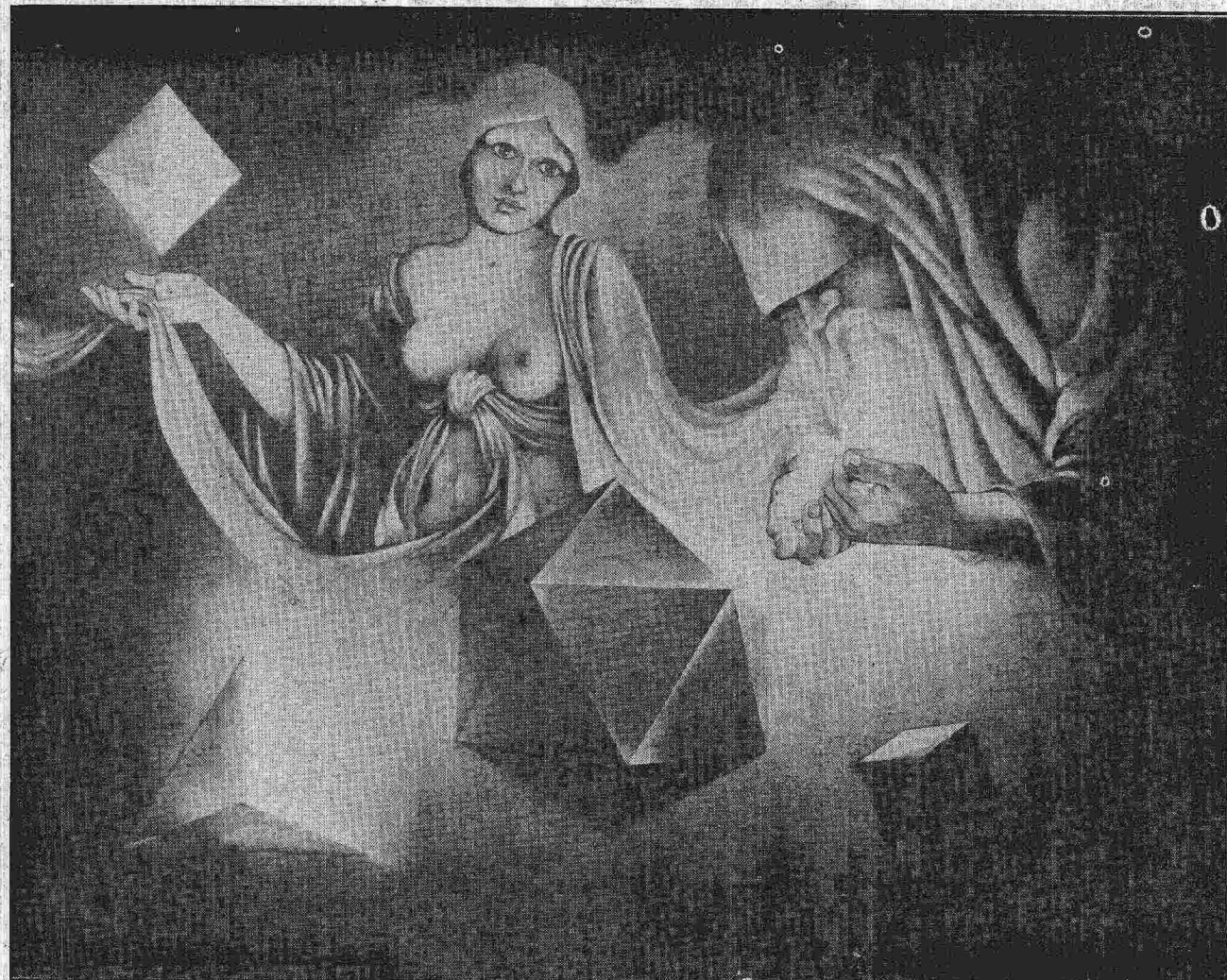
A exposição iniciou-se com uma reprodução monocromática do célebre "Retábulo de Isenhein", de Gernwald. O tríptico foi pintado cerca de 1510, para o Mosteiro de Isenhein, encontrando-se atualmente no Museu de Colmar (Alemanha). Apresenta, nas tábuas interiores, cenas da vida de Santo Antônio e, nas portas, o Calvário, com o enterro de Cristo na pradela (parte inferior). Nesta obra, a cor é magnífica, originando efeitos inesperados de iluminação nos painelamentos (roupagem) e, no céu, um claro-escuro dramático reforça a crueza da cena. Depois de Mathias Grunewald (ou Matthis Nithardt ou Gother), veio Caspar David Friedrich (outro alemão, nascido em 1774), com seu óleo-tela "Mulher à janela", passando por Max Liebermann ("Bar em Brahenburg"), Edgar Munch e Kate Kollowitz, como representantes do Expressionismo em suas raízes européias. O acervo encaminhou-se para o desenvolvimento do estilo no Brasil.

Toda uma geração de artistas brasileiros e seguidores do movimento Expressionista passou a ser representada na mostra, a partir de Anita Malfati e seus quadros, que, em 1917, provocaram o maior escândalo.

ARTISTAS ARGENTINOS

Três mostras de artistas argentinos marcaram a temporada: fotografias de Pedro Raota (Galeria "B" da Fundação Cultural), gravuras de Marta Gamon (Galeria do Anexo do Teatro Nacional) e aquarelas de Beatriz Berman "As vítuas de Gardel" (Galeria Paulo Figueredo). Sob o título "Imagens argentinas", o fotógrafo formou um documento vasado em aspectos líricos e bucólicos da vida de seu país, onde as paisagens, os tipos humanos bem característicos, assumem a proporção de temas pictóricos, tal é o encanto que deles se desprende. Não fora a textura e o aspecto visual das fotografias, as mesmas poderiam ser confundidas com desenhos a "fusão" ou "aguadas" de nanquim, pela precisidade das composições e a qualidade que as mesmas encerram. As fotos de Raota testemunham seu compromisso diante de cenas que representam a expressão nacional de seu povo.

A mostra de Marta Gamon, intitulada "17 Anos de Gravura e Desenho", pode ser considerada como uma Antologia das pesquisas e dos motivos desenvolvidos com profundidade pela artista. Vamos encontrar, no transcurso de tantos anos dedicados ao trato de observações e



Quadro de Sami Mattar, nos seus "30 anos de pintura"

resultados, uma preocupação com a qualidade essencial do produto. E o fato torna-se evidente ao observarmos todos os trabalhos, que falam de uma técnica apurada, nas três modalidades: xilogravura, gravura em metal e desenho. A gravadora identifica sua criação como formas elaboradas, que torna algumas vezes figurativas, outras, abstratas.

Numa ânsia de transmitir uma linguagem plástica intimamente ligada às propostas estéticas da atualidade, mas, construindo sua obra a partir de imagens técnicas consagradas, Marta Gamon oferece certas surpresas. E nesse particular, surgem as suas inesperadas "gravuras iluminadas", que conjugam técnicas próprias da gravura em metal, acrescidas da ornamentação gráfica própria ao desenho. No caso, com lápis de cor de muitas tonalidades (uma das formas do "pastel").

Beatriz Berman e suas aquarelas da série "As vítuas de Carlos Gardel", incursionou por um ângulo nostálgico, realizando uma síntese da vida argentina, analisando o comportamento de uma época. Uma seguidora do Expressionismo de Toulouse-Lautrec, a artista retrata seus personagens com o mesmo sentido tragicômico que o grande pintor imprimiu às suas decadentes musas de Moulin Rouge, notadamente Jane Avril. Em Beatriz Berman, a aquarela é como uma extensão de seu pensamento, uma forma fluida de contar os acontecimentos transcritos nas letras dos tangos e das "milongas" na terra platina. Dessa maneira, seus retratos, concebidos dentro de uma técnica irrepreensível, despontam como um precioso documento de toda uma época.

UNIVERSO FANTÁSTICO

Quatro exposições apresentaram trabalhos vinculados à criação artística voltada para o aspecto surreal ou simbólico do universo: a de Sami Mattar e a de Wilma Lacerda (ambas, na Galeria do Anexo do Teatro Nacional), a de Naura Timm (Galeria Contemporânea) e a última, paralela ao I Encontro da Era Mística (Centro de Convenções). Sami Mattar, um mestre, soube captar com uma sensibilidade apurada, a presença das vibrações sutis dos "mundos paralelos", onde as frequências luminosas oferecem possibilidades só perceptíveis a quem sabe ver além da visão comum. Dessa forma, os portais de sua percepção abriram-se, para dar passagem aos duendes, às fadas — ou seja, a criaturas que foram decantadas por Chopin, Beethoven, Grieg, Mendelsson e pelo nosso Villa-Lobos.

Ele nos fala de Bagavad Ghita, o livro sagrado dos indus, onde, a cosmogonia é relatada de maneira velada e a ciência atual, descrita de forma exata, mesmo sob linguagem poética. Ora, as palavras, os sons e as cores, possuem equivalências absolutas, daí não ser absolutamente difícil verem-se as cores de cada nota musical, ou mesmo, a escala cromática poder assimilar a métrica de um texto. Foi o que Sami conseguiu: ele filtrou a extensão musicalidade do Bagavad Ghita, dando-lhe forma perceptível.

Na Exposição de Pinturas de Wilma Lacerda, uma continuidade das fases anteriores, reflete as mesmas idéias figurativas de uma artista de expressão surrealista. Partindo da inspiração proposta pela figura humana (a anatomia feminina), a pintora encontrou um "moto-contínuo", de onde criou variações, como um tema musical que é recriado em cadências diversas. Dessa maneira e tentando decifrar os mistérios que envolvem o indivíduo no

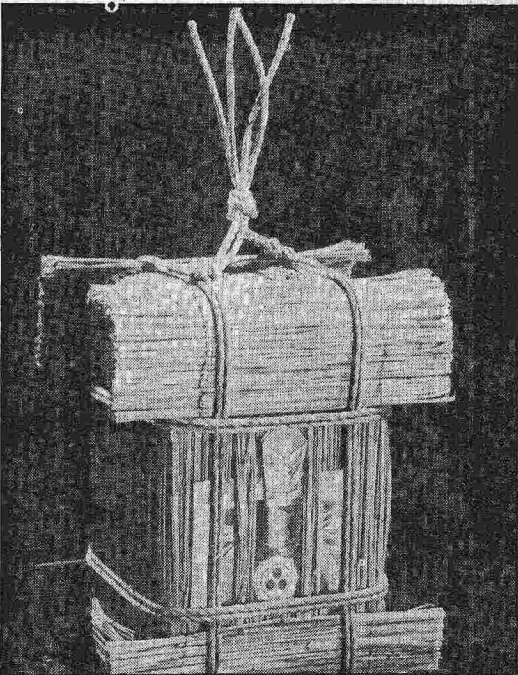
cosmos, apresenta os seus personagens numa atmosfera onírica, em composições, onde, detalhes muitas vezes estereotipados do corpo feminino insinuam-se por entre retângulos, losangos e outras formas geométricas.

Como seus predecessores, inclusive, Jheronimus Bosch (surrealista do século XVI), Wilma Lacerda dispõe de elementos simbólicos em seus trabalhos, o que significa uma contínua aproximação com significados herméticos, uma constante em muitos períodos artísticos. Isso explica inclusive, a existência de um animal híbrido (tão frequente na Arte do Antigo Egito) e trabalhado em diagonal, junto a um corpo feminino que surge por entre as transparências de uma construção. O símbolo, que pertence ao "Arcano" XI do Tarot, significa o signo do Leão — a virtude e a coragem — correspondendo ainda ao ouro, ao fogo e consequentemente, ao sol. Wilma Lacerda rompe as barreiras da realidade, criando perspectivas bem mais amplas.

Realizando sua primeira individual como pintora, Naura Timm demonstrou um domínio técnico e emocional da cor, com a mesma segurança do seu reconhecido talento como desenhista e gravadora. A artista conseguiu transpor pictoricamente, os mesmos sentidos estéticos que encaminharam a anterior criação gráfica. Vimos, portanto, surgirem as figuras com grande dose de simbolismo, calcado em lembranças ancestrais, em formas oníricas e servindo como elemento de ligação entre um passado remoto e o futuro. Deixando suas composições apossarem-se de cores frias, como o azul e o violeta (cores que possuem uma alta frequência vibratória), Naura Timm fez emergirem formas que pertencem a um Simbolismo especial, onde, símbolos herméticos de "Escolas de Mistérios" do Antigo Egito podem ser identificados prontamente por quem os conhece e, ao mesmo tempo, lidos pelo público em geral.

Talvez inspirada em seu magnífico (e misterioso) exemplar do Tarot, composto de 22 pranchas correspondentes aos "Arcanos" Maiores (a obra é conhecida apenas pelos amigos mais chegados), Naura Timm tenha sido impulsionada a criar seus atuais trabalhos, onde, a um só tempo, vela e desvela um desconhecido universo de conteúdo imponderável. Em sua obra, que a Crítica de Arte do México acredita ser de forte expressão latino-americana, a artista demonstra uma notável força de captação das mensagens, através de signos, atitudes e texturas, podendo romper medidas e criar novas harmonizações.

Juntamente com o "I Encontro



Embalagem tradicional japonesa

tro da Era Mística", a exposição paralela constou de pinturas, esculturas e desenhos de artistas que logram expressar-se dentro de uma visão Simbolista: Wilma Lacerda, Silvio Ferigato, Byron de Quevedo e a cronista, entre outros. Como o trabalho de Wilma Lacerda já foi comentado acima, nos reportaremos aos outros artistas citados. Silvio Ferigato, além de possuir como as sílfides, que Chopin descreveu genialmente em suas composições para balé; os seres alados, de que falam todas as Mitologias dos povos ancestrais (dos gregos aos celtas e aos índios de toda a América).

Byron de Quevedo (também jornalista) alcança um excelente resultado em suas límpidas aquarelas, onde, os temas abordados são favorecidos por uma fatura especial. Na aquarela que representa Juscelino e o farrão Akenaton, visualizados como uma única "personalidade-alma" (como afirma inclusive Iara Kern, em seu livro "De Akenaton a JK"), o artista logrou encontrar um significado



especial. Os dois personagens por ele retratados tiveram um papel importante ao construir, numa distância de milênios, duas cidades: Al-Asmarna, a obra de Akenaton, da qual surgiram novos conceitos artísticos e filosóficos (o monoteísmo) a sede da mais antiga fraternidade do mundo e com Juscelino, Brasília, consagrada por várias correntes místicas, como "a capital do terceiro milênio".

Da Mostra, ainda constaram três óleos-telas da cronista, onde foram retratados os arcanjos: Uriel, Samuel e Ezequiel (o último designado como "o guardião do sétimo selo") e nos quais, a par com uma simbologia hermética, foram seguidas as regras da pintura "Acadêmica" as melas-tintas, o rigor anatômico, mesmo o considerando-se que as cores empregadas pertencem unicamente à alta vibração do espectro solar, significando que, da luz, nasce a harmonia cósmica.

ARTE DO POVO

O poder criativo do povo, tanto o brasileiro, quanto o japonês foi demonstrado por intermédio

de quatro grandes Mostrs, montadas em recintos diversos: duas, na Fundação Cultural ("A Arte da Embalagem Tradicional Japonesa", seguida da Exposição "Barreando no Jequitinhonha", uma no Salão Negro do Senado ("A Arte do Povo") e a última, na FUNARTE ("VI Documento de Arte Contemporânea do Centro-Oeste").

Na coleção de embalagens japonesas, o interesse é particularmente intensificado por tratar-se de objetos milenarmente voltados para um sentido utilitário, congregando contudo um cunho estético que sintetiza a cultura de um povo. São os recipientes que foram moldados por mãos hábeis de camponeses e trabalhadores, nas diversas regiões que formam o arquipélago japonês. Compreendendo a importância que os materiais singelos lhes poderiam oferecer, esses artesãos anônimos deram-lhes formas, trancados e texturas diversos. Assim, foram surgindo os receptáculos para conter, transportar e conservar os produtos provenientes da terra e de seu cultivo.

Harmonia e interação entre forma e conteúdo assinalam, nos exemplares que tivemos a oportunidade de admirar, as raízes de todo desenvolvimento artístico da grande cultura do "país do sol nascente". Uma estreita comunicação entre a manufatura que foi exposta e os costumes de um povo, poderia ser ilustrada pelo elegante "Sasara-Ame", que é proveniente da cidade de Sendai e constitui um buquê de flores, todas elas, doces de geleia de malte e espetados em palitos de bambu.

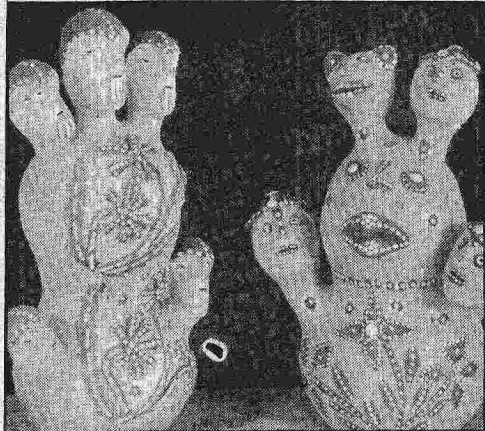
Cantada em versos setissilabos ou nos "martelos" dos "rimancos" (herança do romance provincial), a epopéia nordestina vem traduzida pelas "terrancotas" (o termo é clássico, mas terra cozida, pode ser grega, romana ou nordestina) de Mestre Vitalino. Nhô Caboclo e outros escultores populares, pelos adereços dos folgoedos de Natal, pelas estruturas do "Bumba-meu-boi". Em cada peça exposta está presente aquele sentido de ritmo espontâneo, muito característico à poesia nordestina, herdeira direta da poesia medieval dos trovadores e dos menestrels. A imaginação inflamada sobrepõe-se ao raciocínio pragmático, razão pela qual, fomos encontrar cenas da vida diária, ao lado de criações puramente fantasiosas, transpondo para a tabatinga ou o barro escuro, um sentimento de proporção e harmonia que foge aos cânones eruditos.

TRAMAS E FIOS

Um trabalho exaustivo de pesquisa de campo permitiu aos programadores do VI Docu-



"Viúva de Gardel", de Beatriz Berman



Artesanato "Barreando no Jequitinhonha"

mento uma análise completa dos processos que culminam no resultado final: as peças de tecidos feitas nos teares rústicos. Desde a colheita do algodão, ao descaroçamento e posterior tessitura nos teares de madeira (muito semelhantes aos da Idade Média), o trabalho é executado com um sentido utilitário, que não esquece, entretanto, uma noção de beleza peculiar. A atividade, desenvolvida nas casas roceiras, contém o poder de passar por gerações sucessivas os segredos da habilidade em tecer e urdir panos que serão utilizados por toda a família, ou mesmo, vendidos em outras localidades.

O vale do Jequitinhonha, considerado um dos locais mais pobres do Brasil, esteve representado numa reconstituição ambiental, onde o cheiro do barro agregou-se aos sons característicos da região. As Novenas, cantadas em sons de onomatopéia, eram como o fluir e o refluir das águas do rio para o recinto da Exposição; todo ele, o interior das habitações rurais daquela região. Jirau e varas sustentaram as peças artesanais, produtos de um trabalho secularmente transmitido e criado a partir de matérias-primas locais.

Potes, alguidares, cestaria, tecidos rústicos evocavam não apenas uma cultura mas, na força de sua expressão, diretamente surgida da alma popular, lograram oferecer ainda muita beleza. E, nos exemplos demonstrados pelas Mostrs de Artesanato brasileiro, fica uma possibilidade que seria oportuno o Ministério de Educação e Cultura (ou o próximo Ministério da Cultura) aproveitar, como forma de educação do povo, partindo da certeza de que, as raízes de uma nação devem ser preservadas. Outro ponto importante e relativo ao artesanato pode ser considerado como uma fonte de divisas, para a qual, as matérias-primas e a mão-de-obra são abundantes.

MOSTRAS DOCUMENTAIS

Com o sentido de documentar e preservar, três grandes Exposições foram montadas nas Galerias da Fundação Cultural: "Retrato de uma cultura" (versando sobre as colônias italianas no Rio Grande do Sul), "Folclore da Venezuela" e "Itinerário I" (que percorreu várias capitais brasileiras. Por intermédio de fotografias (de excelente nível) coloridas e em preto e branco, foi desenvolvida uma sequência documental: Arquitetura civil e religiosa, Interiores de habitações, Elementos de entorno, Mobiliário, Iluminação doméstica, Atividades agrícolas, Ferramentas e Utensílios de trabalho. O visitante teve a oportunidade de conhecer os hábitos e costumes dos imigrantes italianos que, ao edificarem suas habitações, igrejas e escolas na nova terra, que, em seu dialeto, era "un bel mazzolin de fior" (um belo ramalhete de flores), transpuseram os conceitos estéticos fortemente influenciados pela grande cultura Clássica Greco-Romana.

Na Exposição "Itinerário I", alguns artistas (pintores, desenhistas e gravadores) de Brasília tiveram seus trabalhos representados, o que significou uma espécie de caleidoscópio de muitas tendências da produção artística na cidade. Três expositores nos despertaram maior interesse: Naura Timm, estreando publicamente como pintora (já que é desenhista consagrada), Waldir Jagmin e Galeno (este último, ganhador do prêmio "conjunto de obras" no VI Salão de Artes Plásticas das Cidades-Satélites, ainda aberto, na Galeria "A"). Os três artistas, com estilos e técnicas atuais, diversificam sua linguagem plástica, por meio de propostas e texturas que lhes são particulares.

No documentário fotográfico sobre o folclore da Venezuela, foram apresentados muitas facetas interessantes daquele país, notadamente as coloridas "fiestas" de rua, onde, uma certa graça "criolla", lembra de perto os folgoedos de algumas regiões brasileiras. Não apenas os ritmos ibéricos, os tipos humanos, mas, algumas construções, assemelham-se notavelmente aos de certas regiões brasileiras, ficando patente a ligação estreita existente entre os povos que formam a identidade latino-americana.

LINGUAGEM PORTUGUESA.

Na Embaixada de Portugal, duas importantes Exposições assinalaram a presença constante da cultura de um país, do qual somos descendentes diretos: as "Ias Jornadas do Patrimônio" (itinerante por várias cidades brasileiras e posteriormente montada na Fundação Cultural). O acervo exposto, compôs-se de fotografias, textos e plantas referentes a um vasto número de edificações do patrimônio artístico e histórico do Brasil e de Portugal, numa documentação que demonstra a configuração atual do mesmo, além do trabalho realizado para a sua recuperação e conservação. Nesse âmbito, foram incluídos os exemplares da arquitetura civil e religiosa: igrejas, palácios, pontes, torres e torreses, exemplificando o desenvolvimento gradual de formas arquitetônicas estabelecidas pelo Concílio de Trento.

De um modo geral, a essência da mensagem estética de Gracinda Candela pode ser encontrada nas das telas em grandes dimensões (uma, com detalhes de "colagens"), que compuseram a Mostra na Embaixada de Portugal. Nos suportes de Lona (que substituem as telas tradicionais, menos encorpadas), a artista lançou as linhas sinuosas de composições que comportam ritmo contínuo. Os planos abertos e largos, insinuam outras possibilidades especiais. Uma incursão no grafismo está expressa em quatro telas de grande efeito cromático, reforçado pelas insinuações lineares paralelas, em tonalidades opostas: "quente-frio", ela aproxima-se dos delicados "bicos de pena". Tivemos, portanto, nas duas Mostrs em questão, um panorama dos conceitos estéticos tradicionais em Portugal e uma sequência dos moldes mais atuais, uma linguagem contemporânea, assinalada por Gracinda Candela.

GALERIA DA ECT

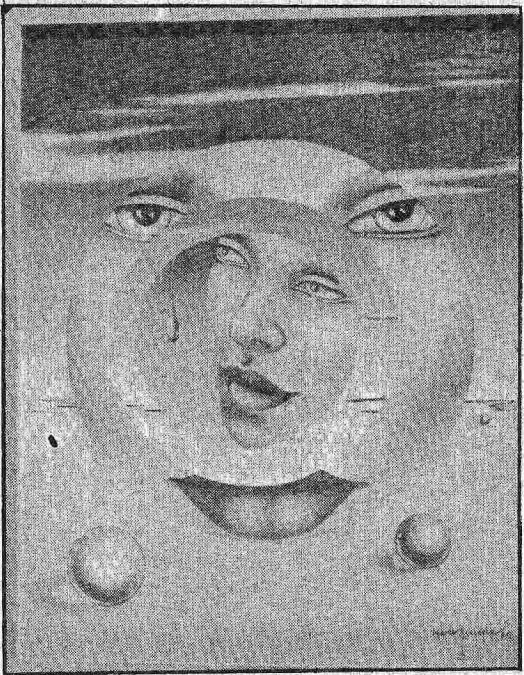
Na ECT Galeria de Arte, as exposições de Guido Mondin, Toninho de Souza, Igusa, Pietrina Checacci e Darlan Rosa, serviram como uma amostragem das numerosas concepções artísticas, conflitantes, opostas, porém, perfeitamente compreensíveis e que convivem na atualidade. Guido Mondin, numa coletânea de paisagens e cenas campestres, retratou aspectos pitorescos de sua terra natal: o Rio Grande do Sul, através de uma visão saudosa bucólica. O artista é um "Acadêmico", que sabe desvincular-se muito bem de sua árdua tarefa de desenhista e pintor. Ele não esconde (nem poderia) uma preocupação constante com todos os requisitos que, durante milênios foram os componentes básicos da Arte pictórica.

Pietrina Checacci, em suas serigrafias, desenhos e esculturas, encontra oportunidade de "desmistificar" o conceito de que Arte é privilégio de poucos. Com esculturas, objetos, a artista tenta encontrar um público mais amplo, que não aquele habituado das Galerias de Arte. O trabalho de Pietrina é de excelente nível e sua tendência a deformar as formas anatómicas da figura humana, surgiu ainda, quando a artista cursava a antiga Escola Nacional de Belas Artes do Rio e, nas aulas de Modelo-Vivo (que frequentávamos juntas) o professor Jordão de Oliveira, lente da Cadeira, ficava realmente espantado com a "audácia" de Pietrina.

OUTRAS MOSTRAS

O Instituto de Cultura Hispânica, montou, entre outras, a exposição de Adeline Alcántara, com pintura "encástica" sobre painéis de madeira. A artista apresentou os trabalhos de sua última fase, que foram o resultado de anos dedicados a pesquisa de uma técnica milenar: a "encástica" (ou "encasto") e quase desconhecida no Brasil. As composições que Adeline realizou, são fruto de longos e exaustivos estudos da natureza, em muitos de seus aspectos. Dessa interação entre forma objetiva e conteúdo subjetivo, surgiram as figurações que têm uma influência predominante do Cubismo. Os motivos e os planos, simplificados em simbolismos geométricos, são tratados dentro de um sentido plástico, onde, o pictorial é a preocupação fundamental.

Já no St. Paul Hotel, a pintora brasileira, N. Indig expôs óleos sobre tela, num total de 20 composições, designadas como "Geogênese". Numa atmosfera inteiramente surreal e inóspita, figuras femininas brotam de terra, de onde suas raízes tentam desvencilhar-se. A fase, que é a última da pintora, representa uma análise introspectiva do universo no qual vivemos atualmente e do qual não podemos nos livrar com facilidade.



Pintura de Wilma Lacerda